
HISTÓRIA E MEMÓRIA NAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE PASSO FUNDO EM 1927

HISTORY AND MEMORY IN THE CENTENARY CELEBRATIONS OF PASSO FUNDO FOUNDATION IN 1927

Eduardo Roberto Jordão Knack
Doutorando PUCRS (Bolsista CAPES)
eduardorjk@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho objetiva realizar uma discussão teórica sobre as relações existentes entre a escrita da história, a memória e as comemorações municipais a partir da análise de um caso em particular, a fundação do povoado que viria a se tornar a cidade de Passo Fundo em 1927. Além de um breve diálogo entre os principais teóricos (Ricoeur, Hartog, Certeau, Catroga, entre outros) que são referência para esta comunicação, a análise se debruça sobre uma obra publicada em 1927, *Terra dos Pinheirais*, de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, historiador considerado o "pai da história" passo-fundense. Para isso, torna-se necessário discutir o lugar de produção de seu trabalho, ou seja, onde ele estava situado na sociedade e em seu meio profissional, a própria prática historiográfica do autor e do contexto em que estava inserido e a forma como se desenvolve sua narrativa na escrita da história. Isso leva a pensar a capacidade de representância histórica alcançada por esse trabalho dentro do universo comemorativo e como sua legitimidade frente aos seus pares e a cidade é buscada. Essa análise também envolve as formas e os sentidos atribuídos às categorias temporais (passado, presente e futuro) que marcam a filiação com o passado estabelecidas a partir do momento da escrita e que abrem um horizonte de expectativa em relação ao futuro.

PALAVRAS-CHAVE: História. Memória. Comemoração. Escrita. Passo Fundo.

ABSTRACT: This article proposes a theoretical discussion about the relations between the writing of history, the memory and the cities commemorations, considering the establishment of one village which later, in 1927, would become Passo Fundo city. This discussion presents a dialogue among the mainly theorists considered authoritative in this investigation (Ricoeur, Hartog, Certeau, Catroga, among others) and then analyses a work called *Terra dos Pinheirais*, published in 1927 and produced by Francisco Antonino Xavier e Oliveira, an historian who was seen as the "history father" of Passo Fundo. To do this analysis, it is necessary to think about the production position of his work, that is, where the author was situated at the society and in his professional domain as well as to think about how the narrative of history writing is developed. This investigation allows us to understand the historical representation capacity of his work in the commemorative domain and how he was considered legitimate by his peers. This discussion involves the forms and the sense given to the temporal categories (past, present and future) that characterize the kind of relation established between the past and the writing moment and open the horizon of expectation for the future.

KEYWORDS: History. Memory. Commemoration. Writing. Passo Fundo.

Considerações iniciais

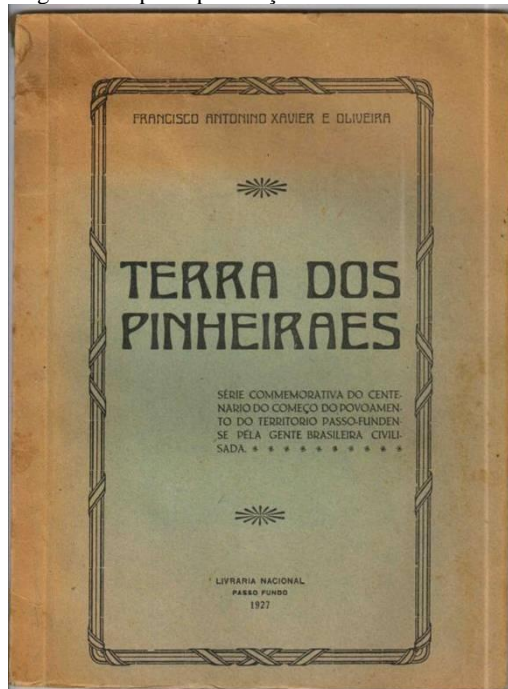
Inicialmente, é importante esclarecer que a presente comunicação deriva do projeto de pesquisa *Passo Fundo e construção da capital em 1957* ainda em andamento. O interesse em relação às comemorações que ocorreram em 1927 reside justamente na publicação *Passo Fundo Terra dos Pinheiras*, de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, historiador homenageado em 1957 por sua atuação política e pelas suas contribuições para história da cidade (considerado o "pai da história" no município). A diferença entre os dois centenários é que, em 1927, foi celebrada a fundação do povoado (que ocorreu em 1827) e, em 1957, foi a vez da emancipação política (acontecimento ocorrido em 1857). Esse historiador é fundamental para a pesquisa em curso, primeiramente por sua trajetória política (membro do Partido Republicano Rio-Grandense) e por ocupar vários cargos e variadas funções e atividades, começando em 1899, quando assumiu o cargo de Promotor Público da Comarca, organizou a representação de Passo Fundo na Exposição Estadual de 1900, de 1901 a 1905, foi Secretário da Intendência e, entre 1905 e 1909, foi Juiz Distrital municipal, de 1909 a 1912, ocupou o cargo de Vice-Intendente do município, sendo que em 1908 organizou a representação de Passo Fundo na Exposição Nacional de 1908 (de onde resulta uma de suas primeiras publicações sobre a história local). Além desses cargos e funções, também foi um dos fundadores do Hospital da Caridade em 1914 (em funcionamento ainda hoje, com o nome de Hospital da Cidade), foi encarregado de realizar recenseamentos, exerceu a função de advogado do município em questões territoriais e publicou uma série de livros e artigos (a maioria sobre a história municipal, mas também poemas) em jornais locais e de outras cidades do Rio Grande do Sul. Segue sua própria percepção de seu papel no que tange à história local:

Primeiro explorador de tão vasto campo, não me era possível, por esta circunstância, produzir uma obra completa e sem erros, porque a história de um povo não é assumpto que se possa elucidar à primeira investida, sem o concurso de outros obreiros e as ponderações judiciosas da crítica sensata, que é, especialmente, quem profere o *verdictum* definitivo sobre a matéria. (OLIVEIRA, 1990, p.9).

Em 1957 quatro obras de sua autoria são publicadas, com aval da comissão organizadora dos festejos do centenário da cidade. Com o intuito de aprofundar a leitura

dessas obras, torna-se importante, além de conhecer sua biografia, empreender uma leitura de seus outros trabalhos para tentar delimitar os principais temas abordados pelo autor, as mudanças em sua escrita e de sua percepção sobre a história. Em diferentes momentos, tanto em virtude de aspectos internos (relacionados à escrita, à constituição da narrativa) e externos (relacionados a mudanças na conjuntura política e na conformação de instituições culturais que delimitam um circuito historiográfico) sua percepção das categorias temporais se altera, o regime de historicidade (HARTOG, 1996, 2003, 2013) que orienta a seleção do conteúdo (personagens, acontecimentos e lugares) das páginas de sua(s) história(s) se modifica. No momento, objetiva-se realizar uma análise da publicação *Terra dos Pinheiraes*, de 1927, pois foi seu primeiro trabalho escrito e publicado em função de uma comemoração. Para isso, é fundamental refletir sobre as relações entre história e memória dentro de um universo comemorativo e como isso aparece na narrativa histórica.

Figura 1 - capa da publicação *Terra dos Pinheiraes*



Localizado no Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo

Porém, antes de prosseguir com uma breve amostra da análise empreendida sobre a obra de Xavier e Oliveira, é importante tecer breves considerações sobre a história do município para uma compreensão do contexto em que as comemorações de 1927 se desenrolam. Passo Fundo é uma cidade localizada na região noroeste do Rio Grande do Sul,

também conhecida como planalto médio gaúcho, "destaca-se ao norte do estado, dada a projeção historicamente alcançada por sua posição geográfica, por onde foram sendo forjadas as passagens no planalto rio-grandense rumo ao centro do país." (SILVA, et. al., 2009, p.14). A questão da posição geográfica ganha amplo destaque entre os historiadores locais em virtude da origem do núcleo urbano ter ocorrido em função do tropeirismo, atividade que tomou vulto no final do século XVII, especialmente a partir do crescimento da economia mineradora no centro do país, que demandava animais para alimentação e transporte (BATISTELLA; KNACK, 2007, p.40). A partir da procura de novas estradas para comercialização de gado e mulas no transcorrer do século XVIII, é descoberto o Caminho de Cima da Serra, onde são fundados vários povoados a partir da doação de terras a militares e/ou tropeiros paulistas. Nesse período, a comunicação com outras regiões era difícil e as estradas que ligavam os povoados ai estabelecidos eram poucas e acidentadas, além de adentrar em territórios ocupados por indígenas, caingangues na sua maioria. Então, apesar da posição estratégica que Passo Fundo assumia para conquista de uma região até então praticamente abandonada pela colonização luso-brasileira, sua ocupação encontrou dificuldades em meados do século XIX.

Figura 2 - região onde está localizado o município de Passo Fundo



Imagem retirada de: SILVA, et.al., p.25.

A colonização branca efetivou-se na região de Passo Fundo nas primeiras décadas do século XIX, quando alguns oficiais da Guarda Nacional, oriundos de São Paulo e Curitiba receberam glebas de terras para fins de ocupação do Comando Militar de São Borja. A fundação das primeiras fazendas possibilitou o surgimento de povoados. Em torno da casa do fazendeiro, os agregados e escravos construíram seus ranchos de acordo com suas possibilidades. Com o passar dos anos, outros moradores estabeleceram-se na região. (FERREIRA; SIQUEIRA, 1998, p.66).

Embora emancipada em 1857 (até então era Freguesia de Cruz Alta), a cidade só vai encontrar um significativo processo de urbanização a partir da década de 1890, com a construção da estrada de ferro (fazia parte do trecho que ligava Santa Maria a São Paulo), que é interrompida com a Revolução Federalista, acontecimento que estagnou seu desenvolvimento. A chegada do trem só acontece em 1898, o que desencadeia as primeiras grandes transformações urbanas, tanto que a primeira década do século XX "pode ser considerada a Belle Époque tardia passo-fundense. É lembrada como a época em que a cidade encontrou a sua modernidade." (MIRANDA; MACHADO, 2005, p.49). Na verdade, de 1900 a 1930, Passo Fundo adentra essa fase de modernização, que compreende um crescimento populacional, desenvolvimento do comércio, abertura, iluminação e embelezamento de ruas e praças, instalação de bancos, hotéis e cinemas, inauguração de um novo e ampliado prédio para a Intendência, enfim, o "progresso", um dos lemas do Partido Republicano Rio-Grandense (agremiação das principais lideranças do período), era materializado por esses elementos aos olhos dos munícipes. É nesse ambiente que Xavier e Oliveira encontra espaço, afirmando-se como historiador e uma das lideranças municipais.

História, memória e comemorações

Certeau (2011, p.47) define a operação historiográfica como uma “combinação de um lugar social, de práticas ‘científicas’ e de uma escrita”. Isso implica pensar que diferentes elementos confluem na produção de uma obra de história. A primeira característica envolve os grupos sociais em que o historiador está envolvido e que contribuem para sua constituição (intelectual e social) enquanto sujeito inserido em uma comunidade. Trata-se da dimensão da

memória coletiva, no sentido definido por Halbwachs (2006, p.72), pois, concordando com o autor, para narrar, evocar o "próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade." Não é objetivo do presente trabalho entrar em uma discussão exaustiva sobre as relações entre memória individual e coletiva. É perceptível e de conhecimento dos estudiosos do tema que Halbwachs adota um determinismo social (os seus "quadros sociais" são carregados de uma objetividade própria das concepções sociológicas de Émile Durkheim) na sua reflexão sobre memória, onde nossas lembranças pessoais seriam apenas pontos de vista sobre a memória coletiva, ignorando suas características afetivas (destaca apenas as afetivas) e os conflitos resultantes dos choques de memórias conflitantes (ver: BOSI, 1994; SEIXAS, 2001; SCHMIDT, 2006).

Importa entender que a memória envolve uma dimensão coletiva e que os grupos (os quadros sociais) estão presentes na própria constituição do indivíduo enquanto sujeito histórico, marcando sua visão de mundo.¹ Mas especialmente nas comemorações e nos trabalhos produzidos com o intuito de homenagear uma cidade, instituição, personalidades, etc., as fronteiras entre memória e história são reduzidas, marcando o "lugar social" em que o historiador realizou seu trabalho. Outra característica que compõe a operação historiográfica são as práticas de pesquisa, o próprio "fazer história." Para Certeau (2011, p.65), se "é verdade que a organização da história é relativa a um lugar e a um tempo, isso ocorre, inicialmente, por causa de suas técnicas de produção." A questão da prática, do fazer, influi de forma decisiva na legitimidade do trabalho do historiador, pois geralmente está associada às instituições culturais que organizam um conjunto de normas, diretrizes e/ou orientações a serem seguidas. No caso em questão, trata-se de um intelectual periférico em relação aos centros de produção cultural do estado e do país, e mesmo em Porto Alegre, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul só foi fundado no início de 1920, momento em

¹ Ricoeur entende que a linguagem articula uma relação entre a lembrança individual (apenas os indivíduos lembram) e sua dimensão social, coletiva, (própria da fase "declarativa da memória"), que ocorre quando "a memória entra na região da linguagem: a lembrança dita, pronunciada, já é uma espécie de discurso que o sujeito trava consigo mesmo. Ora, pronunciado esse discurso costuma ocorrer na língua comum, a língua materna, da qual é preciso dizer que é a língua dos outros". (RICOEUR, 2007, p.138).

que Xavier e Oliveira já havia iniciado sua carreira como historiador, com a publicação de várias obras.²

Sua formação foi autodidata na história (como veremos, suas próprias memórias constituem elemento fundamental para seu fazer histórico e sua narrativa), resultado de uma área, um campo do saber sem fronteiras delimitadas, com uma falta de orientações definidas e pré-estabelecidas por instituições e/ou grupos voltados à produção historiográfica. Coradini (2003, p.128), adotando o conceito "campo" de Pierre Bourdieu, mostra como os "intelectuais" (aqueles envolvidos com produções culturais e com publicações de suas ideias) na década de 1920 estão vinculados às "profissões liberais", à ocupação de cargos públicos e a engajamentos políticos, podendo destacar, de forma geral, "sua vinculação a algum partido ou 'corrente de opinião' política, o que não exclui seu caráter comercial." Enfim, é possível concluir que não existia, particularmente em Passo Fundo, um "campo" de produção intelectual delimitado, ou mesmo um conjunto de orientações para pesquisa e o fazer histórico. Portanto, como o próprio Xavier e Oliveira afirmava, ele foi o "primeiro explorador de tão vasto campo", produzindo obras que figuravam como "a" história pela comunidade, pelos grupos dos quais fazia parte. Isso não significa que as obras, e especialmente seu estilo, sua forma narrativa sejam "originais", ou "autênticas", por estarem "isoladas" dos centros de produção. Na verdade, a própria formação política do historiador, que ocorre no seio do Partido Republicano Rio-Grandense implica uma forma de pensar, de perceber o mundo a partir de um conjunto de ideais comuns dos membros dessa agremiação, bem como de uma linguagem específica que forma um elo entre os quadros de memória e as suas lembranças pessoais. Além disso, o autor enviava seus escritos a outros intelectuais do início do século e recebia destes seus trabalhos, o que sugere uma troca de ideias com outros historiadores/escritores.³

² Entre as obras de Xavier e Oliveira publicadas até 1927 estão: *Anais do Município de Passo Fundo no Estado do Rio Grande do Sul* de 1908 (escrito em 1903); *O Município de Passo Fundo na Exposição Nacional de 1908* de 1908; *Relatoria da Propaganda Agrícola* de 1917; *Por uma Grande Obra*, de 1920; *Pelo Passado*, de 1922. informações retiradas de: OLIVEIRA, 1990, p.27.

³ Como exemplo, a obra de Hemeterio José Velloso da Silveira *As Missões Orientaes e seus antigos domínios* (1909, p.372) onde o próprio Xavier e Oliveira é citado como referência sobre a história da região: "seria um importante subsídio, um eloquente documento, a monografia, que acaba de publicar e divulgar, o Sr. Francisco Antonino Xavier e Oliveira, neto do respeitavel ancião Francisco Xavier de Castro, unico sobrevivente d'entre os primeiros povoadores do territorio do Passo Fundo." Silveira inclusive incorpora informações de Xavier e

Mas, de fato, não havia um método, um conjunto de regras de pesquisas rígidas a ser respeitado, o que deu margem a uma relação muito mais íntima entre memória, imaginação⁴ e história, sobretudo na obra *Terra dos Pinheiraes* em virtude da atmosfera comemorativa em que se insere. Catroga (2001a; 2001b; 2009) esclarece a importância da memória para a formação da consciência pessoal e o papel dos grupos sociais (dos quais os indivíduos fazem parte) nesse processo, o que influencia, sem dúvida, na própria formação profissional dos sujeitos, especialmente quando trata-se de um historiador e seus escritos do início do século, quando as "instituições de saber" ainda não estavam plenamente instauradas:

[...] como a consciência do *eu* se matura em correlação com camadas memoriais não só directamente vividas, mas também adquiridas, tem de se ter presente que estas, para além das de origem pessoal, só se formam a partir de narrações contadas por outros, ou lidas e vistas em outros: o que prova que a memória é um processo relacional e intersubjectivo. (CATROGA, 2009, p.13-14).

Depois de estabelecido que "não existe relato histórico no qual não esteja explicitada a relação com um corpo social e com uma instituição de saber [...] resta encarar a opção que faz passar da prática investigadora à escrita." (CERTEAU, 2011, p.89). As narrativas contadas por outros fazem parte não apenas do fazer histórico de Xavier e Oliveira, como constituem peça fundamental de sua escrita. As citações, não apenas de obras e documentos que servem como referência (o que aparece muito pouco em *Terra dos Pinheiraes*), mas das memórias contadas pelo avô e por antigos moradores, que assumem a função de "comprovar o discurso" histórico, de produzir um "efeito de real" que caracteriza sua autoridade como historiador da cidade, no que tange ao saber sobre o passado (sua autoridade política claramente exerce um poder sobre sua autoridade como intelectual, e vice-versa). "Citando, o discurso transforma o citado em fonte de credibilidade e léxico de um saber." (CERTEAU, 2011, p.103). O discurso histórico está associado com as instituições de saber, com o lugar de produção, a escrita

Oliveira ao seu relato histórico, como a responsabilidade do descobrimento da cidade ao alferes Athanagildo Pinto Martins em 1816 e o começo do povoado atribuído ao capitão Manuel José das Neves entre 1827-1828.

⁴ Em relação a imaginação, a perspectiva de Maffesoli (2001, p.75) vai ao encontro do presente de trabalho, pois compreende o "imaginário como uma "dimensão ambiental", como "uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável", aproximando-se do conceito aura de Walter Benjamin. Tal percepção permite perceber o imaginário em sua relação com a memória, pois também este se manifesta individualmente, mas também é construído a partir das relações sociais no seio dos grupos aos quais os sujeitos pertencem.

consiste em "elaborar um fim", em organizar os "conceitos" que abrangem o conhecimento histórico em determinado momento, que vão orientar a leitura e a interpretação (juntamente com a formação da consciência individual do *eu*, onde a memória exerce papel ativo) dos elementos que dão corpo à história.

Pollak (1992, p.201) indica que, embora a memória tenha "características flutuantes" e seja "mutável", "na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariáveis, imutáveis." A escrita da história, dessa forma, assim como a memória, se desenvolve a partir de determinados "pontos" que podem ser considerados invariáveis - personagens, acontecimentos e lugares. Monteiro (2006, p.28) também entende que a "memória articula-se através de espaços e tempos privilegiados, sobre os quais a 'luz' incide com maior intensidade sobre certos sujeitos (nomes), tempos (datas) e lugares (espaços)", enquanto outros são deixados de lado, especialmente nas páginas da história. Por isso é necessário lembrar os esforços para o "enquadramento da memória" e os "investimentos" que os grupos realizam para perpetuar sua percepção sobre o passado (bem como as perspectivas e projetos para o presente e/ou futuro). Também é importante aceitar que "o trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história" (POLLAK, 1989, p.9), que leva a pensar nas relações existentes entre as operações da memória mais do que nas suas diferenças, afastando-se das concepções mais deterministas, como Halbwachs (2006) e Nora (1993), que consideram história e memória como pólos opostos (memória diz respeito a algo dinâmico, "vivo", dialético, enquanto a história a algo estático, universal que "deslegitima o passado vivido"), especialmente quando diz respeito a uma história produzida dentro de um universo comemorativo.

Catroga (2001a, p.40) entende que algumas características típicas da memória, como "seleção, finalismo, presentismo, verossimilhança, representação também se encontram no trabalho historiográfico". Outro autor que percebe semelhanças entre história e memória é Koselleck (2006, p.161): "a velha tríade *lugar, tempo e pessoa* também está presente na obra do historiador. Caso se altere um desses três elementos, trata-se já de uma outra obra, ainda que se debruce ou pareça debruçar-se sobre o mesmo objeto." Identificar características comuns entre a história e memória não reduz uma atividade a outra, ou mesmo permite afirmar que as formas de filiação e narração do passado são as mesmas. (CATROGA, 2009,

p.35). A própria necessidade de comemoração de centenários está relacionada com um trabalho de enquadramento realizado por grupo com interesses políticos claros em estabelecer "memórias nacionais", utilizando-se muitas vezes do recurso e da ação de historiadores. Como exemplo desse processo, Leduc (1999, p.98-99) cita as comemorações republicanas dos centenários de Voltaire e Rousseau em 1878 como um grande impulso às celebrações de grandes acontecimentos, necessidade que se afirmou com a proximidade dos cem anos da Revolução em 1889, ganhando novo impulso com a exposição universal em Paris, de 1900, que marcava o fim do século.

Debatida essa questão das relações entre história e memória, a dimensão temporal aparece como próximo passo da operação historiográfica, não apenas no momento da escrita, onde fica explícito na leitura das obras, mas em todo esse processo de produção. O que configura a relação entre os personagens, os acontecimentos e os lugares na escrita são os encadeamentos das categorias temporais (passado, presente e futuro) que perpassam todas as etapas da operação historiográfica (que são dissociadas apenas para critérios metodológicos, pois estão imbricadas na prática), indo além da esfera profissional, chegando à própria formação pessoal dos sujeitos e adentrando (e/ou saindo da) sua memória⁵. Namer (1999, p.175) entende que as comemorações estão mergulhadas em uma emoção particular que resulta da fusão entre passado e presente o que abre as portas para ações futuras e torna mais explícita a temporalidade que confere sentido à história nas sociedades em questão. Monteiro (2010) entende o historiador como um gestor da memória, semelhante ao barqueiro da mitologia grega "que serve de ponte entre o mundo dos vivos, situado no presente, e o mundo dos mortos, situado no passado". Esse vai e vem entre presente, passado e futuro "convida a sociedade a refletir sobre sua trajetória e problematizar tanto o presente quanto a herança recebida das gerações passadas". (MONTEIRO, 2010, p.37). Esses encadeamentos resultam do regime de historicidade que pulsa em determinado contexto histórico:

Permitam-me aqui uma digressão e a introdução da noção de regime de historicidade. Entendo essa noção como uma formulação erudita da

⁵ Candau (2012, p.60) mostra que na própria relação entre memória e identidade a dimensão temporal é fundamental. Para esse autor, os trabalhos de memória possuem três direções: "uma memória do passado", dos balanços, avaliações, lamentos e/ou fundações; uma "memória da ação", do presente, evanescente; e uma "memória de espera", dos projetos, expectativas e resoluções futuras. "Sob esse ponto de vista, a relação que temos com o tempo não é *bidirecional* [...], mas *tridirecional*."

experiência do tempo que, em troca, modela nossa forma de dizer e viver nosso próprio tempo. Um regime de historicidade abre e circunscreve um espaço de trabalho e de pensamento. Ele dá ritmo à escrita do tempo, representa uma "ordem" à qual podemos aderir ou, ao contrário (e mais freqüentemente), da qual queremos escapar, procurando elaborar outra. (HARTOG, 1996, p.129).

Essa formulação "erudita", realizada por historiadores, por exemplo, é a interpretação de uma experiência temporal que está pulsando na sociedade em determinada conjuntura histórica. A escrita do tempo (a própria obra de história) adere a uma determinada temporalidade que está latente na sociedade (ou tenta escapar de uma "ordem" temporal, de qualquer forma, o historiador sempre se alinha a uma perspectiva temporal em sua escrita), especialmente escrevendo uma homenagem à fundação de um povoado. A noção "regime de historicidade" vai ao encontro da proposição de Ricoeur (1994, p.88-89) sobre a composição de uma narrativa e as nossas experiências temporais a partir da "capacidade de identificar a ação em geral por seus traços estruturais." A ação dos personagens (um dos elementos "irredutíveis" da memória e da história) está impregnada de uma temporalidade, que, dependendo do regime de historicidade, tem o seu sentido alterado. Vale dizer que o agir só ocorre dentro de circunstâncias específicas que não dependem inteiramente dos agentes e oferecem condições favoráveis ou desfavoráveis a sua ação. As circunstâncias, assim como o agir, estão ligadas a um "lugar", um espaço construído onde acontecem as interações sociais. O lugar assume uma importante função para a memória, pois "as coisas lembradas são intrinsecamente associadas a lugares" (RICOEUR, 2007, p.57).

Mais que levantar as relações entre personagens, acontecimentos, lugares e os regimes de historicidade, Ricoeur (1994, p.95) aponta que as narrativas possuem duas dimensões: a episódica e a configurante. A dimensão episódica vai ao encontro da noção de tempo crônico de Benveniste (2006, p.71), que constitui na apresentação linear dos acontecimentos, sua sucessão em sequência. Já a segunda dimensão ocorre quando extraímos uma configuração, uma conclusão, uma espécie de sentido geral, de uma sequência de acontecimentos. Isso possibilita ao leitor (ou ouvinte) seguir uma história, chegar a uma conclusão. Dosse (1997, p.190), analisando as obras de Ricoeur, conclui que "entre o tempo cósmico e o tempo íntimo situa-se o tempo contado pelo historiador. Ele permite reconfigurar o tempo através de

conectores específicos." Esses conectores, presentes na escrita enquanto narrativa histórica, são o calendário, a noção de geração e de traço. Ao inserir os eventos do passado em um calendário, o historiador estabelece a primeira ponte entre tempo vivido e histórico, possibilitando aos leitores situarem suas experiências (suas memórias), em um espectro temporal amplo, coletivo. Ao abordar a noção de geração, os grupos percebem-se enquanto herdeiros de um legado, e/ou de uma dívida, e com a possibilidade de legar algo ao futuro. O traço diz respeito às reminiscências de que algo existiu no passado, transformado em "documento", em "fonte" de pesquisa pelo historiador. Essa perspectiva de Ricoeur (1994; 1997) está relacionada aos conceitos de "espaço de experiência" e "horizonte de expectativa" de Koselleck (2006), bem como à noção de "operação historiográfica" de Certeau (2011). As experiências de formação do historiador (tanto profissionais quanto pessoais) estão envolvidas em um determinado "regime de historicidade", que marca o lugar social de sua produção e, conseqüentemente, de seu fazer histórico. Esse espaço de experiência traz em seu bojo um horizonte de expectativa em relação à história (materializada nas produções, nas obras) e à própria vivência do sujeito, que se situa e significa as relações entre passado, presente e futuro.

Outra contribuição de Ricoeur (1997, p.177) para o presente trabalho são suas considerações sobre "os intercâmbios íntimos entre historicização da narrativa de ficção e ficcionalização da narrativa histórica", o que possibilita pensar nos intercâmbios entre história e literatura, nos recursos ficcionais (na imaginação) presentes nas narrativas históricas. As obras de Xavier e Oliveira apelam à "imaginação" com frequência, especialmente seus trabalhos publicados em homenagem aos dois centenários (em 1927, da fundação do povoado, e, em 1957, da emancipação política). A principal questão a ser observada é como o "imaginário se incorpora à consideração do ter-sido, sem com isso enfraquecer seu intento realista". (RICOEUR, 1997, p.317). Com "intento realista", Ricoeur refere-se à legitimidade de uma narrativa enquanto "histórica", na sua capacidade de representância do passado. Isso ocorre, essencialmente, a partir do uso dos "conectores" descritos acima, porém, nada impede que os romances utilizem "calendários" (no sentido de jogar com datas e eventos que marcam o corpo de produções historiográficas, bem como personagens, os exemplos são vários), bem como trabalhem com "gerações" e até mesmo traços, documentos históricos - isso marca uma

historicização da ficção. Em contrapartida, os recursos ficcionais utilizados pelos historiadores também são variados. No caso de Xavier e Oliveira, as analogias e metáforas são abundantes, porém, Ricoeur (2007, p.290) deixa claro que no caso da "escrita literária da história, a narratividade acrescenta seus modos de inteligibilidade aos de explicação/compreensão", ou seja, os objetivos, a própria "intencionalidade" do discurso histórico. Os recursos ficcionais não têm um caráter apenas estético, para deixar o texto mais "poético" ou agradável ao leitor (embora possam produzir esse efeito), são recursos inerentes à própria explicação buscada/construída pelo autor.⁶

O debate realizado entre os autores citados é fundamental não apenas para esclarecer as referências teóricas do presente trabalho, mas para delinear um percurso metodológico. A operação historiográfica, dividida em três etapas por Certeau figura como eixo nas discussões entre história, memória e comemorações. Portanto, delimitar o lugar de produção e o fazer histórico, que constituem o "espaço de experiência" de Xavier e Oliveira, é um dos passos iniciais da pesquisa. Isso constitui aquilo que Hartog (2003) definiu como aspectos "externos" do trabalho do historiador. A escrita é a materialização de um fazer, de uma prática que são constituídas nesse espaço (segundo passo da análise). É também o momento da narrativa histórica onde as categorias temporais (passado, presente, futuro) são organizadas, conferindo um sentido à própria história, através da utilização de diferentes recursos (os conectores, a ficcionalização). A partir da leitura, é possível passar para um terceiro passo de pesquisa, que consiste em identificar o próprio regime de historicidade que perpassa toda a produção historiográfica, que é anterior a ela (a relação dos aspectos "externos" e "internos" tem como um dos objetivos perceber se o tempo narrado pelo historiador adere ou tenta escapar do regime que marca o início do século XX) e que abre um horizonte de expectativa para o futuro. Toda obra produzida em virtude de uma comemoração almeja, sob certa medida, se tornar um pequeno "monumento", uma lembrança do que era importante para uma sociedade naquele momento e que deve ser deixado para a posteridade.

⁶ Porém, cabe lembrar a advertência de Leduc (1999, p.269): "Les deux systèmes temporels du romancier et de l'historien se recourent en partie, mais se distinguent aussi profondément." Tal menção tem serventia semelhante àquela realizada por Catroga (2009, p.35) sobre as relações entre história e memória: perceber as semelhanças entre narrativas ficcionais e históricas não significa reduzir uma a outra. Elas guardam diferenças, embora possam utilizar recursos semelhantes, como a datação, por exemplo. Explorar suas diferenças e semelhanças necessitaria exaustivas considerações que fogem do escopo do presente trabalho.

De acordo com Le Goff (2003, p.525) a "memória coletiva e sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os *documentos* e os *monumentos*." Uma obra produzida na órbita de uma comemoração, que objetiva homenagear uma cidade, deve ser compreendida tanto como um documento (*Terra dos Pinheiros* foi usada como uma referência para conhecer a história de Passo Fundo pela comunidade e pelo próprio autor, que a cita em trabalhos posteriores), quanto como um monumento, não apenas no sentido que Le Goff a ele atribui, estendendo a condição monumental a todos documentos para ressaltar a necessidade da crítica à fonte, mas também no sentido original (do latim) esclarecido por Choay (2006, p.17-18), "que deriva do *monere* ('advertir', 'lembrar'), aquilo que traz à lembrança de alguma coisa.", ou seja, o monumento entendido como um desafio "à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, ele tenta combater a angústia da morte e do aniquilamento."

Considerações finais

Como já observado, o lugar de produção, o espaço de experiência de Xavier e Oliveira durante o início do século XX não estava condicionado a instituições de saber, com códigos ou normas plenamente estabelecidas que exerciam uma função legitimadora da sua produção. Sua orientação partidária associada ao desenvolvimento urbano e econômico que o município experimentou a partir de 1900 marca sua ação política e sua produção historiográfica. Seus vínculos com o Partido Republicano Rio-Grandense e as lideranças locais influenciam sua percepção da história, especialmente a ideia de progresso econômico (no caso de Passo Fundo, o momento é marcado pelo crescimento do comércio e a instalação das primeiras industriais - madeiras, silos e moinhos, entre outras) e urbanização (envolvendo aqui concepções sanitárias, infra-estrutura, como água, esgotos, iluminação, até o embelezamento das ruas, das praças) que representava a materialidade do ideário republicano. Essas características consistiam no ideal de "civilização" a ser buscado, tanto pelos intelectuais, quanto pelos líderes políticos (funções que se mesclavam na conjuntura), e que se encontrava em pleno desenvolvimento, em plena aplicação a partir do conhecimento e da ação política republicana. Também representa o primeiro princípio de seleção dos elementos (personagens,

acontecimentos e lugares) que devem passar para as páginas da história passo-fundense, como destacado na capa de *Terra dos Pinheiraes*: "Série comemorativa do centenário do começo do povoamento do território passo-fundense pela gente brasileira civilizada." (XAVIER E OLIVEIRA, 1927). Essa é a mensagem inicial da obra, que já exprime sua configuração narrativa, o seu regime de historicidade. O objetivo principal da obra *Terra dos Pinheiraes* é narrar um passado do município, onde uma linguagem lírica e afetiva (um recurso ficcional) é empregada, como Xavier e Oliveira demonstra em sua *Oração Filial*:

Terra de meu berço! Eu te amo na simplicidade dos teus dias primitivos, porque foi ahi que a tua gente, campeando na vastidão das estâncias solitárias, ou mourejando nos cerrados ervaes, em lueta com o selvicola traiçoeiro e feroz, adquiriu ou desenvolveu as nobres qualidades que deveriam exalça-la depois, através dos feitos imperecíveis dos seus grandes expoentes, legando ao futuro esse patrimônio robusto que é a tua historia. (XAVIER E OLIVEIRA, 1927, p.3).

Essa passagem, logo no início da obra, já traz à tona o regime de historicidade que transparece e configura a sequência dos acontecimentos narrados. O presente, no momento das comemorações da fundação do povoado, é apenas um entremeio diante do "patrimônio robusto" que é a história da cidade, legado pelos homens que viveram nos "dias primitivos" ao futuro (no caso, 1927), mas que deveria ser carregado, continuado pela geração do início do século XX, como mostra a conclusão da própria oração: "Possas a luz fulgurante de um progresso immenso e verdadeiro, lavado de corrupção e aureolado pelo phanal celeste do Amor universal, guiar-te ao destino esplendoroso que te espera!" (XAVIER E OLIVEIRA, 1927, p.3). Assim, os personagens que entram para as páginas da história municipal em 1927 são os homens "civilizados", inicialmente os jesuítas que figuram como os primeiros propulsores da civilização. As comunidades nativas aparecem como inimigas desse processo, mais uma dificuldade a ser superada; em seguida, a ocupação luso-brasileira em 1827 como a fundação do povoado. Além da ideia de gerações estar presente em toda obra, as experiências do avô do autor, entre outros antigos moradores, aparecem como outro conector fundamental, a narração dos antepassados atestam uma legitimidade histórica à escrita, que, juntamente com os recursos ficcionais, explicam a origem do município a partir da presença dos europeus que ocuparam a região efetivamente no início do século XIX e criaram as bases que marcam o

espaço de experiência da década de 1920. As comemorações figuram, assim, como um momento para inflar o projeto político econômico que marcava o poder no momento, mas o presente só assume importância em virtude das possibilidades, das expectativas em torno do futuro, que deverá se mostrar tão ou mais grandioso que as lutas dos antepassados, essa é a dívida que deve ser sanada com os fundadores, o legado a ser continuado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTELLA, Alessandro; KNACK, Eduardo Roberto Jordão. Antologia do município de Passo Fundo: a cidade e a região durante os séculos XVII, XVIII e XIX. In: BATISTELLA, Alessandro. (org.). **Passo Fundo, sua história**. Passo Fundo: Méritos, 2007.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. 2ª Edição. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001a.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy. (org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora Ed. Universidade/UFRGS, 2001b.

CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história**. Coimbra: Almedina, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CORADINI, Odaci Luiz. As missões da "cultura" e da "política": confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n.32, 2003.

DOSSE, François. Paul Ricoeur Revolucionou a História. In: **Ciências & Letras**. Porto Alegre, n.18, 1997.

FERREIRA, Mariluci Melo; SIQUEIRA, Rosimar Serena. O contexto econômico e político de Passo Fundo do século XIX à década de 1930. In: DIEHL, Astor Antônio. (org.). **Passo Fundo: uma história, várias questões**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HARTOG, François. Tempo e História: "como escrever a história da França hoje?". In: **História Social**. Campinas, nº3, 1996.

HARTOG, François. **O século XIX e a história: o caso Fustel de Coulanges**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEDUC, Jean. **Les Historiens et le Temps conceptions, problématiques, écritures**. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº15, 2001.

MIRANDA, Fernando B. Severo de; MACHADO, Ironita P. **Passo Fundo: presentes da memória**. Rio de Janeiro: MM Comunicação, 2005.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MONTEIRO, Charles. Políticas da memória: reformas urbanas e polêmicas acerca das comemorações da fundação de Porto Alegre. In: POSSAMAI, Zita. (org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

NAMER, Gérard. La confiscation sociopolitique du besoin de commémorer. In: DOUGIER, Henry (org.). **Travail de mémoire 1914-1998 Une nécessité dans un siècle de violence**. Paris: Éditions Autrement, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história A problemática dos lugares. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, n.10, 1993.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (tomo 1). Campinas: Papyrus, 1994.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (tomo 3). Campinas: Papyrus, 1997.

RICOEUR, Paul. Quelques réflexions sur l'intitulé du séminaire. In: DOUGIER, Henry (org.). **Travail de mémoire 1914-1998** Une nécessité dans un siècle de violence. Paris: Éditions Autrement, 1999.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre história e memória. In: **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v.XXXII, n.1, 2006.

SEIXAS, Jacy. Halbwachs e a memória - reconstrução do passado: memória coletiva e história. In: **História**, São Paulo, 20. 2001.

SILVA, Ana Maria Radelli da; SPINELLI, Juçara; FIOREZE, Zélia Guareschi. (orgs.). **Atlas geográfico de Passo Fundo**. Passo Fundo: Méritos, IMED, 2009.

SILVEIRA, Hemeterio José Velloso da. **As missões orientais e seus antigos domínios**. Porto Alegre: Carlos Echenique, 1909.

XAVIER E OLIVEIRA, Francisco Antonino. **Terra dos Pinheiraes**. Passo Fundo: Livraria Nacional, 1927.

XAVIER E OLIVEIRA, Francisco Antonino. **Annaes do município de Passo Fundo** Aspecto Geográfico. v. I. Passo Fundo: UPF, 1990.